

A INVISIBILIDADE DA CRIANÇA NOS CONTOS DE MARCELINO FREIRE

Gérsica Cássia Ferreira Leite¹
(Universidade Federal de Pernambuco)

RESUMO

A invisibilidade da criança é um tema abordado por teóricos da educação, como Sarmento (2000) e Postman (1999) e também por escritores literários, Markim Górki e Marcelino Freire, por exemplo. A posição subalterna das crianças, sobretudo no mundo ocidental, em relação ao poder dos adultos e da sociedade em geral é uma das temáticas abordadas nos contos do autor que será o foco desse trabalho, Marcelino Freire. O escritor contemporâneo traz à tona a voz das crianças pobres, negras e indígenas. Este trabalho tem como objetivo propor a leitura de alguns contos de Freire, cujo cerne da reflexão seja a criança, por compreendermos que os mesmos constituem-se como material relevante para a reflexão pedagógica dos alunos do ensino fundamental e médio acerca de si mesmos e de seus pares.

PALAVRAS-CHAVE: INVISIBILIDADE, LITERATURA MARGINAL, CRITICIDADE.

1. INTRODUÇÃO

Na literatura brasileira contemporânea há várias narrativas que abordam a violência, a marginalidade e a invisibilidade social na infância, problemas que atingem profundamente a nossa sociedade e levam a conflitos e situações de injustiças gritantes. A escolha de Marcelino Freire deve-se pelo fato do mesmo não banalizar o tema, abordando essas questões numa perspectiva que não é aquela do entretenimento da indústria cultural, de modo a levar à sociedade o conhecimento e reflexão sobre o discurso dos socialmente excluídos. Seu projeto literário fala do povo e para o povo, fazendo uma releitura do cotidiano dos oprimidos, sem disfarces ou camuflagem. “Escrevo porque escuto – um olhar para o humano, para o outro. Escrevo sobre violência, personagens desajustados, desvalidos, sofridos”, afirma Marcelino Freire (*apud* Santos, 2010).

O autor em questão faz parte da literatura marginal nas três tendências apontadas por Gonzaga (1981). Freire é marginal no que diz respeito à editoração, foge aos padrões normais de editar, distribuir e fazer circular; quanto à linguagem utilizada, pois, recusa a linguagem institucionalizada proveniente do poder dominante e; porque apresenta a fala daqueles setores excluídos dos benefícios do sistema.

Na obra de Marcelino Freire conseguimos sentir “cada palavra como um tiro ou uma facada. Cada palavra e seu significado sangrento”, utilizando as palavras de Ariano Suassuna.

¹ Mestranda em Teoria da Literatura do programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco.

A crítica social é um dos elementos estruturantes da obra Freireana. Sua narrativa é uma forma de adentrarmos na realidade contemporânea, questionando-a e rompendo com a alienação que nos é posta. A temática e a forma como a narrativa é construída, principalmente como a linguagem é trabalhada, causa no leitor certo estranhamento, um incômodo por fugir da exaltação ao belo, à graça, à harmonia. Com relação a isso Cândido (1975) afirma:

não se cogita mais de produzir (nem de usar como categorias) a Beleza, a Graça, a Emoção, a Simetria, a Harmonia. O que vale é o impacto, produzido pela Habilidade ou Força. Não se deseja emocionar nem suscitar a contemplação, mas causar choque no leitor e excitar a argúcia do crítico, por meio de textos que penetrem com vigor mas não se deixam avaliar com facilidade. (p.214)

Italo Calvino quando questionado sobre as qualidades da escritura que desejava transmitir à humanidade, destacou as seguintes: “leveza”, “rapidez”, “exatidão”, “visibilidade” e “multiplicidade”. Três dessas são encontradas na obra freireana: “rapidez”, “exatidão” e “multiplicidade”. A narrativa de Marcelino Freire preza pela economia, ritmo, são, geralmente, estórias curtas. Pensando na realidade social contemporânea, nesse tempo tão congestionado e cheio de pressa, Marcelino se preocupou em “falar rápido”, construindo narrativas curtas, organizou até uma antologia que reúne 100 escritores brasileiros e 100 microcontos de até 50 letras. Nesse sentido, se aproxima bastante do conto popular: “as peripécias mais extraordinárias são relatadas levando em conta apenas o essencial; é sempre uma luta contra o tempo, contra os obstáculos que impedem ou retardam a realização de um desejo ou a restauração de um bem perdido” (CALVINO, 1988, p.50). Esse recurso agrada “porque apresentam à alma uma turba de ideias simultâneas, ou cuja sucessão é tão rápida que parecem simultâneas, e fazem a alma ondular numa tal abundância de pensamento, imagens ou sensações espirituais que ela não consegue abraçá-las todas de uma vez nem inteiramente a cada uma, ou não tem tempo de permanecer ociosa e desprovida de sensações” (CALVINO, 1988, p.55). São esses efeitos de ideias e imagens simultâneas que tornam a obra de Marcelino Freire atrativa. Além disso, vale ressaltar que a velocidade é um valor pretendido pela sociedade em que vivemos, mas, mais que isso a velocidade mental não pode ser mensurada, ela é valorada pelo prazer que proporciona àqueles que são sensíveis a esse prazer.

Marcelino Freire é, ainda, um daqueles que consegue transformar a linguagem em coisas, “que reconstrói a fisicidade do mundo por meio da impalpável poeira das palavras” (CALVINO, 1988, p. 90). Consegue, a partir disso, uma qualidade literária que Calvino

denominou de exatidão. Na construção sintática, no conto Da paz: “Um cisco no peito”, creio que é exatamente isso que o autor faz. Consegue traduzir em palavras uma sensação “indizível”, lembrando o papel do escritor enquanto aquele que através das palavras consegue relatar com perfeição uma dada realidade. De acordo com Calvino (1988):

Por isso o justo emprego da linguagem é, para mim, aquele que permite o aproximar-se das coisas (presentes ou ausentes) com discrição, atenção e cautela, respeitando o que as coisas (presentes ou ausentes) comunicam sem o recurso das palavras (p.90-91).

Além disso, como pudemos constatar, Marcelino Freire dialoga com a realidade social brasileira. Na quinta conferência de Italo Calvino, ele ressaltou que uma qualidade literária era “o romance contemporâneo como enciclopédia, como método de conhecimento, e principalmente como rede de conexões entre fatos, entre as pessoas, entre as coisas do mundo (1988, p.121)”. A crítica social em Marcelino Freire é um elemento estruturante de sua obra, de sua razão interna. Traz à tona um conjunto de saberes, numa visão pluralística e multifacetada do mundo, dá acesso a um mundo, por vezes, mal compreendido.

2. VIOLÊNCIA NA INFÂNCIA

A própria palavra “infância” significa *a idade do não está*; não estar preparado para a vida em sociedade, não ser racional, não trabalhar, não se expressar. Numa visão adultocêntrica, se considera, inclusive, que ser criança é não ser adulto, ou seja, definir a criança é caracterizá-las segundo algumas categorias presentes nos adultos e não por características presentes e peculiares a infância. A infância, portanto, surge caracterizada por traços de negatividade: a idade do não-adulto, da não-fala, da não-razão e do não-trabalho (Sarmiento, 2000).

Sarmiento (2007, p.38) afirma que “as crianças são o grupo geracional mais afectado pela pobreza, pelas desigualdades sociais e pela carência de políticas públicas”. Elas também não participam plenamente da vida social, há uma invisibilidade da infância, isto é, se oculta a realidade dos mundos sociais e culturais da criança. Dessa forma, se concebe a criança enquanto desprovida de vontade ou racionalidade e como imaturas socialmente, negando, assim, a cidadania da infância seja ela política (direito de eleger e ser eleito e de participar em organizações e partidos políticos); ou civil (direitos de liberdade individual, de expressão, de pensamento, de crença, de propriedade individual e de acesso à justiça). Baseado em Sarmiento (2007), com a invisibilidade deixa-se de considerar a criança enquanto cidadã e ator social dotados de autonomia e competência. Conseqüentemente, é negada a participação na vida política. Lembrando que o sentido de política não está restrito ao direito a votos, mas

a participação da criança na construção e avaliação de políticas públicas, já que suas percepções são diferenciadas em relação aos adultos e eles que irão vivenciar a saúde, alimentação, escola, programas e serviços propostos e aprovados pelos adultos. Dessa forma, a opinião e argumentos das crianças precisam ser levadas em conta.

É verdade que, mesmo com a invisibilidade da infância ao longo da história, se garantiu melhorias nas condições de vida de um certo grupo de crianças e foram reduzidas as taxas de mortalidade infantil, bem como a libertação de formas opressivas de trabalho e bens de primeira necessidade, como nos diz Sarmiento (2007). Mas vale ressaltar que esses progressos não são universais, nem comuns a todas as crianças do mundo, pois muitas como Yamami, Socorrinho ou o protagonista de Papai do céu, personagens dos contos de Marcelino Freire, ainda sofrem com a pobreza e situações violentas.

Além da invisibilidade na infância, há escritores que falam da morte da infância, a exemplo de Postman (1999). Para ele, o grande “boom” dos meios de comunicação de massa, principalmente a televisão, leva ao desaparecimento da infância. As crianças vêm sendo expostas aos “segredos” do mundo dos adultos, sobretudo no que diz respeito ao sexo e a violência, aumentando as estatísticas de menores infratores e de gravidez na adolescência. Postman (1999) acredita que à medida que as crianças tendem a se tornar adultos precocemente, os adultos também estão se tornando mais frágeis psicologicamente e moralmente.

Sarmiento (2007), contudo, discorda da tese de desaparecimento da infância de Postman. O autor considera que até mesmo as crianças inseridas em diferentes contextos e à mercê dos processos de colonização do mundo dos adultos há uma preservação das especificidades próprias de sua geração, isto é, todas as crianças possuem algo em comum. É nessa concepção que me apoio.

3. A INFÂNCIA NA LITERATURA

A priori, é importante deixar claro que quando falo de personagens infantis, estou me referindo a uma tentativa de compreender a perspectiva social do outro. A criança ainda não tem reconhecimento enquanto escritora. Assim, a voz da criança é mediada pela voz do adulto, que, por sua vez, testemunha e ficcionaliza o mundo infantil. Segundo Mata (2006, p.10): “a infância já surge na literatura como metáfora, dizendo menos das crianças em si, que do que elas representam no imaginário adulto”.

Os grandes personagens da literatura são construídos fazendo referência a sua infância. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o narrador diz que a criança é realmente o pai do homem. É, portanto, uma tendência nos romances acompanhar uma personagem, buscando na sua infância, alguns aspectos que expliquem o adulto que ele resultou.

É no final do século XIX que a infância surge de forma mais intensa na literatura. Na poesia romântica a infância aparece como um tempo a ser lembrado, como uma inocência a ser perseguida. É o que encontramos nos versos *Meus oito anos* de Casimiro de Abreu. Já na prosa temos como exemplo *A infância* de Markin Górkki, em que a criança aparece como um corpo ou alma puros que são violados pelo mundo resultando num adulto em que essas marcas são evidentes.

O realismo na descrição da infância tem sua gênese no Brasil no período do regime militar, quando surge uma preocupação com a miséria urbana proveniente do êxodo rural das décadas anteriores. Foi nesse contexto que a presença das crianças marginais nas ruas passou a chamar a atenção dos cidadãos e de escritores literários como José Louzeiro, que escreveu uma obra intitulada *A Infância dos Mortos* (MATA, 2006).

Clarice Lispector é uma das pioneiras em romper com a condição passiva da infância na narrativa, a partir da criação de Sofia, de *Os desastres de Sofia*, que tortura psicologicamente o seu professor ou a filha do livreiro de *Felicidade clandestina*, que perversamente adia o momento em que vai emprestar à narradora o livro que ela tanto quer. As crianças de Lispector, portanto, são capazes de agir, de mutilar os outros e a si mesmas.

Em Marcelino Freire, o corpo da criança surge como uma referência à violência praticada pelos adultos ou pela mídia. Yamami, o garotinho de *Papai do céu* e Socorrinho foram abusadas sexualmente e a menina negra de *Nossa Rainha* busca embraquecer-se para se parecer com a rainha dos baixinhos que vai visitar o morro vendendo CDs, DVDs e outros produtos. A realidade dessas crianças num mundo adulto cruel, é o que iremos verificar em alguns contos de Marcelino Freire que serão analisados na próxima sessão desse artigo.

4. ANÁLISE DOS CONTOS

Marcelino Freire ao longo de suas obras tenta desconstruir a lógica que orienta o discurso dos dominantes, culpabilizando os marginalizados pelos conflitos e “desgraças” que permeiam a sociedade pós-moderna. Para tanto, traz à tona a voz desses que foram historicamente silenciados: pobres, negros, prostitutas, fora-da-lei, analfabetos,

desempregados, homossexuais, trombadinhas, donas de casa, crianças etc. O autor toma essa atitude reinventando constantemente a linguagem, trazendo para sua obra uma linguagem “violenta”: com palavrões, fragmentação da sintaxe, repetições, oralidade e certa musicalidade. Ao referir-se a esse escritor, Souza (2011, p.5) afirma: “reconhecendo as dificuldades de reprodução de certas marcas da oralidade no plano da escrita, alguns contos podem provocar no leitor inclusive, a sensação de desnorteamento (ausência de pontuação, junção de períodos, sequencia repetida de termos, interrupções, etc)”.

A metodologia adotada nesse trabalho foi a pesquisa bibliográfica, que consiste, de acordo com Gil (1987), na exploração de um material já elaborado (livros, artigos, teses, relatórios de pesquisa) sobre determinados temas.

A invisibilidade da criança em Marcelino Freire será analisada a partir dos seguintes contos: *Socorrinho* e *Nossa Rainha*, publicados em *Angu de Sangue* no ano de 2000, *Yamami*, publicado em *Contos Negreiros* no ano de 2005 e; *Papai do céu*, publicado em *Rasif: mar que arrebenta* no ano de 2008. Esses contos quando trabalhados em sala de aula, podem abrir caminhos para o diálogo, descobertas e contribuir para a formação de identidades jovens, bem como para (des) construção de (pré) conceitos. Isso porque os contos dão visibilidade às crianças que têm suas histórias e vivências atuais ocultadas. A narrativa nos mostra uma nova visão sobre os protagonistas. *Yamami*, por exemplo, traz uma reflexão sobre as crianças da Amazônia que se prostituem, o que pode colaborar para que as pessoas retifiquem a ideia da prostituição como uma escolha ocasionada pela má índole dos indivíduos.

Levar esses contos em questão para a sala de aula pode promover a discussão sobre a invisibilidade da infância e sobre a função social do escritor bem como ampliar o conhecimento sobre a linguagem literária. É importante ressaltar que o ensino de literatura contribui para formação de um leitor crítico do mundo. Segundo Perrone-Moisés (2008, p.18):

(...) porque os textos literários são aqueles em que a linguagem atinge seu mais alto grau de precisão e sua maior potência de significação; porque a significação, no texto literário, não se reduz ao significado (como acontece nos textos científicos, jornalísticos, técnicos), mas opera a interação de vários níveis semânticos e resulta numa possibilidade teoricamente infinita de interpretações; porque a literatura é um instrumento de conhecimento do outro e de autoconhecimento; porque a ficção, ao mesmo tempo em que ilumina a realidade, mostra que outras realidades são possíveis, libertando o leitor de seu contexto estreito e desenvolvendo nele a capacidade de imaginar que é uma necessidade humana e pode gerar transformações

históricas; porque a poesia capta níveis de percepção e de fruição da realidade que outros tipos de texto não alcançam.

4.1 Conto *Socorrinho*

Socorrinho versa sobre o caso de uma menina mulata, Maria do Socorro Alves da Costa, que foi seqüestrada e violentada em um centro urbano: “meio dia, dia de calor, calor enorme, ninguém que avista...” (FREIRE, 2005, p.47). Nesse dia, a mãe da menina que morava na favela vivenciou mais uma experiência “daquela realidade de cão, mundo, cachorro...” (FREIRE, 2005, p.48). Socorrinho representa as crianças que moram na periferia e que diariamente ausentam-se dos seus pais para, de alguma forma, contribuir financeiramente com as despesas da casa. Isso não significa que a mãe da menina não se importe com ela, observamos no conto o desespero da mãe com o desaparecimento da filha.

A estrutura dessa narrativa se assemelha a um estilo musical conhecido como o rap, principalmente pela repetição da expressão: “moço, não, não” permeada por outras vozes (narrador, jornalista, buzinas). A ausência de pontuação, cria efeitos poéticos interessantes, auxilia a imprimir o tom de desespero da criança mediante as vozes dos noticiários e a pressa da cidade, que continua seu ritmo acelerado apesar do ocorrido. Há tanta pressa que as pessoas nem se deram conta dos gritos da menina pedindo socorro. Nesse conto aparece, portanto, a questão do individualismo na sociedade contemporânea, na qual o indivíduo está tão preocupado consigo mesmo que não se preocupa nem volta sua atenção para a condição do outro. É, também, uma denúncia da perda de sensibilidade nas relações humanas.

moço, não, quero ir pra casa, não, moço, não, o homem arreava as calças,
mais o grito, moço, não, não, Socorrinho chorava, Socorrinho esperneava,
Socorrinho mais não entendia aquele mundo estranho, aquele desmaio de
anjo (FREIRE, 2005, p.48-49)

4.2 Conto *Papai do céu*

Em *Papai do céu* o protagonista, uma criança, narra os banhos que tomava com seu pai enquanto a mãe estava na casa da tia. Segundo a criança, o pai cheirava a bebida, a cigarro e a mulheres e chamava a esposa de “puta”. Nesse conto, o narrador protagonista fala de forma ofegante e sem qualquer pontuação, talvez para refletir sobre a inocência da criança diante desse ato tão violento. O discurso, o vocabulário, o comportamento é próprio da infância e esses elementos na narrativa levam o leitor a impressão de estar ouvindo a voz infantil que narra sua experiência sexual perversa.

... e papai perguntou se eu tinha tomado banho e eu falei que tinha tomado banho mas não adiantou dizer que eu já tinha tomado banho porque ele disse que eu devia tomar banho direito e eu devia tomar outro banho e papai disse que eu devia tomar banho direito e me levou para o banheiro (...) e papai diz que a espuma tem um gosto bom mas acho que a espuma não tem o gosto bom (...) e pede pra eu colocar a espuma na língua e colocar a espuma na minha cara e colocar a espuma na minha bunda e a espuma branca escorrega na minha bunda e papai faz assim na espuma papai faz xixi na espuma e pede para eu fazer xixi e a gente faz xixi na espuma e o chuveiro faz xixi na espuma branca na nuvem branca do papai e na nuvem branca que fica na minha bunda branca e na bunda branca do papai e papai sorri e eu também fico sorrindo ... (FREIRE, 2003, 96-97)

4.3 Conto *Nossa Rainha*

Em *Nossa Rainha* a reflexão é sobre a alienação da classe oprimida, sobre como o imaginário social é construído a partir da mídia. Uma menina negra que morava na periferia, tinha apenas nove anos, parecia uma lombriga de tão desmilinguida e desejava ardentemente ser a Xuxa. A mãe vivia da ajuda do povo, mas queria fazer um book da filha e levava-a ao cinema toda vez que um filme novo entrava em cartaz. Apesar disso, a mãe refletia sobre as diferenças sociais entre a sua filha e a rainha dos baixinhos, em um trecho afirma: “o que Xuxa está pensando? O que padre Marcelo está pensando? Que tanto disco à venda, que tanto boneco, que tanta prece! Tenha santa paciência”. (FREIRE, 2012, p.71). A mãe acreditava que apesar da vontade e dos esforços dela para que a filha fosse reconhecida como uma rainha, o título maior que sua filha poderia ter é o de “Rainha da bateria”, apenas nesse reino o negro teria chances.

Nesse conto, percebemos o papel dos meios de comunicação de massa na motivação da criança ao consumo. A classe operária é oprimida diariamente das mais diversas formas, porém, a alienação faz com que se sinta satisfeita por ter dinheiro para comprar bens de consumo. Todo o sofrimento do trabalhador é esquecido quando ele consegue comprar a televisão ou o celular de última geração, ainda que para isso falte-lhes uma alimentação adequada ou a escola de seus filhos.

4.4 Conto *Yamami*

Em *Yamami* há uma denúncia da exploração sexual das crianças indígenas na região amazônica do Brasil. Alguém pergunta a um turista sobre a realidade do local, com relação aos índios, a febre amarela, peixes gigantes. Provavelmente porque é essa a imagem internacional do Brasil. O turista, porém responde que nada disso lhe interessou, que o que há é “outras meninas gaiolando os gringos. Também brasileiros vêm e se enroscam na rede. Há cheiro fodido de peixe, morte de passarinhos” (FREIRE, 2012, p.107). Na verdade, o que há

de bom na Amazônia é Yamami, indiazinha típica de uns treze anos, com as unhas pintadas e descalça, com tintas extintas na cara, uma pele vermelha e ardente, sujinha e deliciosa, esperando a lotação da balsa. Isso se torna melhor ainda mediante a liberdade que o país dá para a exploração sexual, como podemos observar na fala do turista a seguir:

E os índios? O que tem os índios? O que você achou dos índios do Brasil? Fodam-se os índios do Brasil. Toquem fogo na floresta. Vão à merda (...) Só lembro de Yamami. Sempre gostei de crianças. Aqui é proibido. Yamami meu tesouro perdido (...) Lá posso colocar Yamami no colo e ninguém me enche o saco. E ninguém fica me policiando. Governo me recriminando. (FREIRE, 2012, p. 103)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os temas dos contos analisados nos faz perceber a crítica social como elemento estruturante da obra de Marcelino Freire. Enquanto representante da literatura marginal, ele se utiliza da escrita para promover a reflexão, *o pensar do pensar*, acerca das relações humanas na sociedade brasileira contemporânea. Possibilita que o povo excluído fale de suas necessidades e experiências, através de sua própria linguagem, também marginalizada.

Freire desnuda o mundo globalizado, convida o leitor para pensar sobre a complexidade do mundo contemporâneo, enquanto que a mídia contribui para a construção de valores e apresenta a realidade à sua maneira, uma vez que ela: “consegue mobilizar a atenção coletiva dos usuários, mas seus efeitos são mediados por líderes de opinião que filtram as mensagens segundo os padrões consensuais dos grupos primários” (BELTRÃO, 2001, p. 14).

Apontamos, portanto, a obra de Marcelino Freire como facilitadora do adentramento do leitor na realidade contemporânea e, considerando as relações sociais, refletindo-a em sua complexidade. Seus textos literários podem ajudar os alunos a construir opiniões críticas sobre as diferentes realidades de seus pares na sociedade atual. Os contos aqui analisados permitem que por intermédio da experiência do outro adquiramos um conhecimento necessário para fugir da *coisificação e estigmatização* do outro. Nas palavras de Ferraz (2009): “este tipo de narrativa sempre irá provocar a curiosidade natural sobre a má sorte alheia; afinal, é sobre o (re) conhecimento do lugar e do valor social do outro que definimos o nosso próprio” (p. 32).

Os contos de Marcelino Freire são recomendados, por todas as características citadas ao longo do texto, para serem trabalhados em sala de aula. Tendo em vista que ele é um escritor

que privilegia a crítica como um elemento estruturante de seus textos, percebe-se que o estudo de sua obra contribui para a promoção e desenvolvimento de cidadãos críticos, além de proporcionar um prazer estético não-tradicional, justificada pela forma como a linguagem é trabalhada.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias [Tese de Doutorado]*. Brasília, UnB, 1967.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Companhia das Letras, 1988.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria literária e história literária*. São Paulo: Editora Nacional, 1975.

FERRAZ, Flávia Heloísa Unbehaum. *Marginalidade, violência e testemunho nos contos de Marcelino Freire*. 2009. 44f. Monografia. Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

FREIRE, Marcelino. *BaléRalé*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. *Contos Negreiros*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

_____. *Angu de Sangue*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1987.

GONZAGA, Sergius. *Literatura Marginal*. In FERREIRA, João Francisco (org.). *Crítica Literária em nossos dias e na literatura marginal*. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 1981.

MATA, Anderson Luís Nunes da. *O silêncio das crianças: representações da infância na narrativa brasileira contemporânea [Dissertação]*. Brasília, 2006.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. O ensino da literatura. In: Encontro Regional da ABRALIC. (11) Sandra Nitrini et al. (Org.). *Literaturas, artes, saberes*. 2007, São Paulo. Anais... São Paulo: Aderaldo & Rothschild; ABRALIC, 2008.

POSTMAN, Neil. O Desaparecimento da Infância. Tradução: Suzana Menescal de A. Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Graffia Editorial, 1999.

SANTOS, Elizangela Maria dos. A marginalidade performática literatura contemporânea. In: *II Seminário Nacional Literatura e Cultura*, Vol. 2, São Cristóvão: GELIC, 2010, p. 1-15.

SARMENTO, Manuel. *Os Múltiplos Trabalhos da Infância*. In *Straight to the Point: Should we boycott companies relying on child labour?*. Braga: Instituto de Estudos da Criança/Universidade do Minho, 2000.

SAMENTO, M.J. *Visibilidade Social de estudo da infância*. In: VASCONCELLOS, V. M. R. D.; SARMENTO, M. J. *Infância (in) visível*. São Paulo: Junqueira & Marin, 2007.

SOUZA, Auricélio Ferreira de. *Do leito à margem, do aristo ao arisco: a verve do narrador-marginal em Marcelino Freire- um estudo da obra Contos Negreiros em áudio livro*. Campina Grande, Editora EDUEPB, 2011.